



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Engelmann, Arno

Da Conceituação de Estado Subjetivo até a Proposição dos Escalões de Percepto

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 2, 2002, pp. 393-405

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815216>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Da Conceituação de *Estado Subjetivo* até a Proposição dos *Escalões de Percepto*

Arno Engelmann¹
Universidade de São Paulo

Resumo

O artigo refaz o percurso de Engelmann, lidando em 1962 com perceptos chamados de afetivos até a proposição dos escalões de percepto. O estudo aprofundado dos perceptos afetivos indicavam estados conscientes não localizados. Engelmann denominou-os *estados subjetivos*. Mas deparou que havia ao mesmo tempo outros estados localizados. A solução era dois escalões: um superior — estados subjetivos — e outro inferior — estados objetivos. Mais tarde Engelmann encontrou *estados objetivos*, estados conscientes não localizados e externos, representados por locuções meteorológicas. Finalmente, reestudando um número enorme de experimentos de percepção descobriu que havia cinco escalões de percepto, organizados prioritariamente na seqüência seguinte levando em conta os estados *total, bipartido, supramodal, modal e fragmentário*. Os indivíduos são capazes de estar momentaneamente em dois escalões, nunca mais de um. Não se sabe, por enquanto, se é possível representar por intermédio de outros estados de consciência além dos perceptos.

Palavras-chave: Percepção; emoção; consciência; linguagem; teoria da gestalt.

From The *Subjective State* Concept toward The *Percept Echelons* Proposal

Abstract

Dealing firstly with the affective percepts in 1962 and ending with percept echelons, the paper reexamines the psychological pathway. A serious study of mostly affect percepts indicated nonlocalized internal states called them *subjective states*. But at the same time he found that there were other internal but localized states called them *objective states*. They were mainly characterized through reporting the weather. Finally, revisiting previous studies, *total, bipartite, supramodal, modal* and *fragmentary* states are found and organized through larger percept echelons. In one moment only one percept echelon is possible, not more than one. Other parts of consciousness are divisible through echelons.

Keywords: Perception; emotion; consciousness; language; gestalt theory.

Em 1962 estava preocupado em que subdivisão da psicologia deveria colocar as minhas pesquisas sobre emoções. De acordo com o esquema experimental, iria utilizar os *principais nomes de emoções* apresentados a sujeitos como meio de chegar-se, por seu intermédio, a acontecimentos dentro das suas consciências. Evidentemente, não usei o termo *consciência* nas apresentações da época.

colher uma lista portuguesa de sujeitos.

Na época muitos colegas do behaviorismo radical, achavam que constituir uma parte do comportamento que a parte de comportamento como instrumento de pesquisa

emoção, que *ficavam* numa emoção, etc. parece caracterizar a consciência individual das emoções. Eram verbos semelhantes a *perceber*, porém havia algo de diferente. Por isso os empregavam.

Qual a diferença entre perceber e sentir? Percebo objetos, percebo pessoas, percebo cheiros, percebo o gosto da comida, percebo dores. Nessa percepção uma parte do ambiente ou uma parte de meu corpo é notada. Entretanto, quando sinto alegria, sinto raiva, fico apaixonado, esse sentir ou ficar refere-se a todo meu corpo, a todo meu organismo. E é também isso que ocorre com outras pessoas. A diferença reside em quanto vai ser notado. Quando uma parte do total é notada, fala-se na língua corrente em percepção. Quando a parte é bem maior ou quando é o todo, pode-se dizer que se fala em emoção. Entretanto, a parte notada por sujeitos será apenas diferente no uso natural dos dois verbos: partes pequenas seriam percebidas; partes maiores seriam sentidas, seriam sentidas enquanto uma determinada emoção.

A parte notada seria notada conscientemente. São fatos da minha consciência as diversas percepções e as diferentes emoções. E são fatos da consciência dos organismos as diversas percepções e emoções de outras pessoas. Há uma palavra pouco usada nas notações conscientes que corresponde a algo no ambiente ou no corpo: *percepto* (Ferreira, 1999; Prado e Silva, 1970). Percepção pode ser não consciente. Se for consciente então o melhor é chamá-la de percepto. *Percepto* é um termo que emprego nos últimos dez anos para caracterizar o tipo de conteúdo perceptivo da consciência. Entretanto, já era utilizado por Köhler (1938a).

Então, dever-se-ia falar em emoção toda vez que um indivíduo apresenta consciência no seu próprio corpo e essa consciência qualifica o corpo todo? Koffka (1935) chama de *emoção consciente* a dinâmica das forças psicológicas intra-ego. O *ego* é a parte da consciência ligada ao corpo da pessoa, restando a outra parte da consciência à consciência ambiental. A dinâmica das forças psicológicas

iguais a *alegria, raiva e apaixonado*. O percepto que ocuparia toda a parte interna do corpo, sem aí qualquer divisão, ao contrário dos perceptos representadas no ambiente — *caneta, o próprio corpo* — *dor no incisivo superior do braço esquerdo*. Portanto, ou deveria a emoção de emoção — chamando em psicologia de estados emocionais apesar de não corresponder ao uso comum da palavra — ou introduzia um novo uso dessa última solução que me pareceu a mais adequada.

Que há de comum entre os vários estados? Para mim, esse comum (1) é consciência de uma parte do corpo da pessoa, (2) a pessoa é consciente de mais nada em relação a esta localização, (3) dura um certo tempo. Criei o termo *estado subjetivo* por se referir à parte debaixo da pele do indivíduo. Seria *estado* porque dura um certo tempo, ainda que esse tempo pode ser curto ou longo (Engelmann, 1978).

Apresentei o novo conceito publicamente na minha tese de doutoramento. Em 1978. O curioso é que o título da publicação é *Estado Subjetivo*. Escrevo no livro:

Há outros tipos de relatos verbais que são acompanhados de apontar. São referidos ao organismo sem especificação adicional. Mas, numa determinada região do corpo. Não ponto a ponto com um “acontecimento” que seja possível estabelecer uma sua relação precursoras. Propomos a expressão *relatos subjetivos*³ para denotá-los e a de *estado subjetivo* para a ocorrência que dá origem a tais relatos... (Engelmann, 1977-78).

Dois Níveis de Percepto, ou Melhor de Percepto

Como deve ter ficado claro no uso do estado subjetivo, uma boa fração desse

os fins do século XIX, suficiente para derrubar o que descrevi antes?

Os perceptos devidos a excitação do sistema nervoso autonômico aferente sem dúvida existem e existem principalmente no caso de emoções. Mas dizer que a consciência de emoção nada mais era do que o conjunto das percepções periféricas é um passo que vai além do necessário. Por que William James achava que a consciência da emoção era somente isso? Consultando a opinião dos neurologistas da época, James (1890/1950) julgava que não havia no cérebro centros emocionais. Hoje em dia a opinião dos neurologistas é bem diferente.

Claparède (1928), pelo contrário, acentuou a emoção como um acontecimento global. Reconhecendo a importância da teoria de James-Lange enquanto localização das emoções, Claparède achava, no entanto, que é a forma ou gestalt dos múltiplos perceptos orgânicos a origem da emoção, e não os meros perceptos.

Há uma série de estudos mais recentes que tocam sobre a importância de perceptos internos e sua relação eventual com emoções. Cito dois. Mason (1961) reuniu inúmeros estudos fisiológicos que constavam de periódicos e livros até 1958. Classificou-os em 28 áreas, baseadas em regiões da superfície do corpo para situá-las, ainda que cada área é tridimensional e ocupava toda a sua porção interna. Além disso, incluiu algumas áreas amplas do corpo. O corpo é sempre integrado, diz Mason. Como resultado, chegou a uma série de estados psicológicos não-cognitivos. Entre os estados, havia alguns que eram julgados emocionais: alegria, amizade e amor, raiva, medo, depressão e nojo. Há outros, que não eram relacionados com a emoção: fadiga, fome e sede. E outros ainda cuja classificação emocional era duvidosa: sentimento sexual e tensão. Nieuwenhuys, Offenber e Frijda (1987) dividiram o corpo humano em 63 seções. Aplicando a pesquisa com 172 sujeitos, concluíram que há distinções para relacionar dez emoções na base dos perceptos localizados internos.

como um conjunto de unidades si. Na natureza há uma seqüência de sistemas? Variam um pouco de sistemas minerais é possível citar os planetas, as estrelas, as galáxias, os superaglomerados de galáxias, as ocorrências vivas, os órgãos, os organismos, os grupos, as sociedades, o sistema supranacional. James G. Miller em 1975 (Bertalanffy, 2001; Jantsch, 1980; J. G. Miller, 1982; Rapoport, 1968).

Um nível superior, ainda que níveis imediatamente inferiores são realmente nova. Entretanto, as coisas caem por baixo. “A abordagem necessariamente interdisciplinar” (Miller, 1978, p. 1045). Existe a diferenciação de objeto

O biólogo Bertalanffy (1938a) primeiras idéias sobre teoria geral em 1930 e mais tarde em diversos artigos à Segunda Grande Guerra. Os trabalhos de Bertalanffy reconhecem a anterioridade de Whitehead (1925) e de Bertalanffy (1938b) e de Whitehead (1925) universo (Bertalanffy, 1968, 1975).

Köhler foi um psicólogo da Gestalt. Wertheimer e Köhler, originou a Gestalt. De acordo com a escola, em que se todos ou *gestalten*⁵. Cada *gestalt* é diferente de outra *gestalt*. Entretanto, essas partes não formam uma *gestalt*. Uma *gestalt* é diferente de outra *gestalt*. Uma *gestalt* pode ser formada de outras *gestalten* importantes ... que os perceptos são *gestalten* e o percepto do relacionamento de objetos individuais percebidos (Engelmann, no prelo). Köhler para o campo transfenomênico

bem organizadas do que as *gestalten* geralmente citadas. Fui aluno de Annita Cabral a partir de 1956. Reconheço a ela os meus primeiros passos na psicologia gestáltica. Continuo nessa linha, ainda que haja vários pormenores de outros pensadores que aceito, entre os quais os níveis de organização. Em 1982, saiu publicado pela primeira vez a minha adesão à teoria geral de sistemas (Engelmann, 1982).

Os psicólogos trabalham principalmente com o nível de *organismo*, nível do indivíduo animal. Sem dúvida, é importante para melhor compreensão de acontecimentos no organismo conhecer o nível imediatamente inferior. E, igualmente, é importante conhecer o nível imediatamente superior. Entretanto, a grande maioria das pesquisas psicológicas é organísmica.

Dentro do nível de organismo, pode-se estudar as consciências de outras pessoas ou *consciências-mediatas-de-outros*⁷. As consciências-mediatas-de-outros são formadas, entre outras partes, por perceptos. Nos perceptos notam-se também dois níveis: um superior, que chamei de estado subjetivo, e um inferior, que seriam os perceptos internos localizados. Entretanto, esse uso da palavra *nível* seria diferente da utilização da mesma palavra dentro da teoria geral dos sistemas, no qual atingir um nível seria dado quando surge uma estrutura realmente nova. Por essa razão procurei uma palavra diferente. *Escalão* é, no dicionário de Aurélio “Cada um dos pontos sucessivos de uma série” (Ferreira, 1986, p. 682). *Escalões* seriam níveis, mas não na representação dos sistemas.

O Conceito de Estado Objetivo

Logicamente, se os estados subjetivos existem na consciência como perceptos ocupando cada um a parte interna, seria possível também *estados objetivos* existirem? Isto é, seriam perceptos ocupando cada um toda a parte externa, ao invés da interna? Pensei no problema. Realmente, diversas línguas possuem palavras que denotam tipos de tempo metereológico. Se o tempo é

E parece que utilizando a locução, que é um percepto único, cuja única localização é fora. Portanto, está-se diante de estado objetivo.

Num pequeno artigo, exemplifiquei como indicado por locuções como *O dia está quente, Está escuro, Sinto o dia triste* (Engelmann, 1982). Apresentei, portanto, dois escalões: o superior, o estado objetivo-subjetivo, e o inferior, os perceptos externos e internos.

Entretanto, nesses perceptos inferior e superior, a modalidade seria necessariamente visual, gustativa, etc. ou haveria um lugar também para um estado objetivo comum? Teria um lugar para as sensações realmente percebidas por um grupo grande de indivíduos, principalmente no grupo experimental? De outro lado, seria possível um estado objetivo sem distinção objetivo-subjetivo no percepto?

Além disso, descobri mais tarde que a distinção externo-interno me parece mais adequada para a distinção objetivo-subjetivo. A palavra *estado* além da minha definição, o caráter de estado do indivíduo como aquele que se sente como estado, uma “tendência para reduzir toda a existência a um estado” (Ferreira, 1986, p. 1620)⁸. Ao contrário, a distinção caracterizaria também a tendência a “... a distinção de objetivos, de validade geral” (Ferreira, 1986, p. 1620). Esta maneira de utilizar o significado de estado em português vale também para a tradução em outras línguas, como o inglês e o francês. Portanto, caracterizá-las através da primeira distinção objetivo-subjetivo e interno.

Entretanto, o termo *estado subjetivo* é utilizado atualmente da subdivisão *estados objetivos* experimental, parte das áreas de conhecimento humano. Minha conclusão é empregar os vocábulos como sinônimas: estado externo e estado interno ou subjetivo.

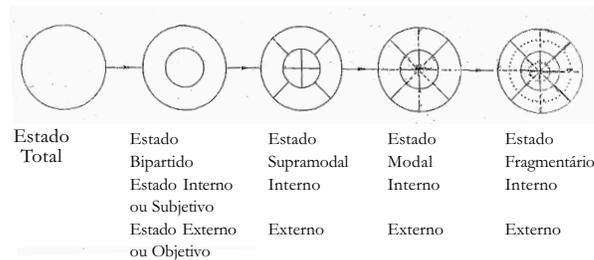


Figura 1. Representação esquemática dos escalões de percepto.

(D) estado modal e (E) estado fragmentário (veja na Figura 1)¹⁰. Descendo a partir do estado bipartido, todos os quatro estados apresentam uma parte externa e uma interna.

Os cinco escalões que acabamos de arrolar vão dos estados amplos até os restritos. O par de adjetivos amplo-restrito refere-se ao tamanho dos acontecimentos percebidos. O adjetivo amplo se refere a grandes espaços dos perceptos; o adjetivo restrito se refere a pequenos espaços dos perceptos. Assim no escalão de estado total o espaço é o mais amplo; no escalão de estado fragmentário os perceptos são os mais restritos. Nos escalões intermediários, a amplidão diminui ou a restrição aumenta. Há uma semelhança com Werner (1948/1961). Entretanto, para Werner os acontecimentos vão de conteúdos sincréticos até discretos, retratando o desenvolvimento. No meu caso, os cinco estados são apenas maneiras de perceber. Os seres humanos preferem o estado supramodal e a repartição estado bipartido interno ou subjetivo. Portanto, a direção dos estados amplos para os restritos não obedece a nenhuma direção além da estrutural.

Muda com a passagem de um estado a outro o seu conteúdo? A não ser a atitude do percebedor, o conteúdo não se altera

em fins do século XIX. Esse p — atitude perceptiva — é uma dura minutos ou horas, ao co pode durar anos. É esse co que será utilizado no presente & Parot, 1991).

Vejamos rapidamente doi há bastante tempo, um por Be XX e outro por Brunswik r empregam o conceito de ati Vittorio Benussi, um psicól gestaltista ou Gestaltqualität de v que trabalhava na época em um experimento sobre a ilus Lyer — duas linhas paralelas em suas pontas, o primeiro para dentro e o outro com (veja a Figura 2). O único sujei apresentações tinha de perce comum de todo ora na atitude de i era mais forte na primeira ati atitude de isolamento das pa uma ilusão bem caracterís Woodworth, 1938).

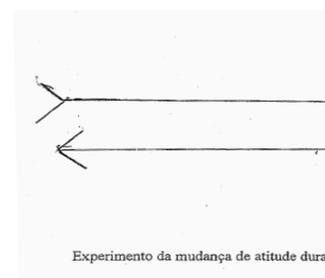


Figura 2. Estimulação no c (1904).

ou uma atitude *de pintor*. Como instruções para levar o sujeito a assumir uma atitude realista-ingênua, Brunswik disse-lhe o seguinte:

Dê suas estimações na base de sua primeira impressão dos tamanhos dos objetos em questão. Você precisa considerar os tamanhos das ‘coisas’ como vistas na atitude comum de sua vida diária... Não se deixe influenciar pelos seus conhecimentos abstratos acerca do tamanho dos objetos em questão, ou da memória deles, ou da ótica, etc.¹¹

Na atitude chamada de pintor ou *perceptiva analítica* disse-lhe:

Tente analisar perceptivamente ou desintegrar a cena de uma maneira tal que um pintor deveria ser capaz de desenhar um retrato perspectivamente correto... Relacione seu julgamento como a uma vara imaginária situada num plano frontal, a um metro de distância de seus olhos.¹²

Os julgamentos foram distribuídos aleatoriamente numa ou noutra atitude. As duas atitudes representariam, para Brunswik, dois polos principais de intenção da percepção: se o objeto fora visto dentro do quadro tridimensional — distal — ou se fora visto como se apresentando numa tela colocada num cavalete a um metro de distância — proximal. Os resultados mostram correlações diferentes entre os tamanhos reais dos objetos e os perceptos nas duas atitudes. As correlações são perto de 1,00 nas atitudes distais e perto de 0,70 nas atitudes proximais.

Nesses exemplos duas atitudes perceptivas são utilizadas. Por que não poderiam ser usadas cinco? As diferenças entre elas são as mesmas que nos experimentos de Benussi e de Brunswik.

A seguir, vamos colocar as características e as evidências empíricas dos cinco estados.

Estado total

São estados momentâneos de consciência nos quais o

O núcleo da idéia do *todo* surgiu na década de 1920, sob influência de von Ehrenfels, na virada para o século XX. Sob a direção de Meinong, foram realizados experimentos nos quais há sempre, em primeiro lugar, uma consciência total. Cornelius foi influenciado por von Ehrenfels e Meinong. Cornelius escreveu que os sentimentos são o *todo*. Seu discípulo, Krueger chamava esse estado de *totalidade*, sendo a totalidade idêntica àquela consciência em estado total.

O sentimento muda de momento para momento e invade a consciência como um todo. Essa maneira de conhecer esse sentimento é total, não parcial, como estado total. É uma experiência vivida, não uma análise. Essa totalidade acaba rapidamente em fragmentação. Na psicologia, no qual se toma uma atitude perceptiva, nos experimentos realizados em Leipzig de 1920 a 1930, na Guerra Mundial até 1940, assim como em experimentos recentes retratam o estado total (Ehrenfels, 1920; Hentschel, Smith & Draguns, 1986; Krueger, 1937/1953b; Sander, 1930/1973, 1934/1962).

O que acontece com indivíduos que têm problemas de meditação? Pelo que se sabe nos últimos anos, o ponto final é um estado de consciência total. Não há diferença entre a *própria pessoa* e o mundo exterior em termos da teoria atual, não há diferença entre a parte externa e a parte interna. Seria, à primeira vista, total. Nesse estado total, não é apenas o mundo que desaparece, mas também a preocupação com o mundo que se passa no ambiente. “A experiência é a consciência por si só — pura, silenciosa e sem objetos fenomênicos”¹³.

Ao contrário dos outros estados de consciência, descritos por Krueger, nunca passei pessoalmente por esse estado. Entretanto, Austin (1998) me assegura que os períodos de tempo dos seres humanos são gastos em estados de consciência *blanks* em inglês ou *vazios* em português. Os períodos são necessários para contrabalançar as ações. Seria um repouso fisiológico, não uma ausência de

comum e alcançam um modo de ser de tranqüilidade, em que novamente não existe a divisão entre observador e observado.

Austin lembra que em estudos a respeito da meditação Zen, o termo em inglês para traduzir o japonês *muchin* foi *ausência de mente*. A ausência de *mente* ou *consciência* não ocorre durante as meditações. Pelo contrário, a consciência seria bem caracterizada. Entretanto, seria um estado total e, além disso, livre das preocupações (Austin, 1998; Crook, 1980; Shear & Jevning, 1999).

Estado bipartido

O indivíduo encontra uma bipartição da pele percebida, de tal maneira que apenas dois estados podem ocorrer: o *estado externo* ou *objetivo* fora da pele percebida e o *estado interno* ou *subjetivo* dentro da pele percebida. Durante muito tempo escrevi sobre aquilo que denominei de estados subjetivos. Foi a partir desta definição que surgiu a presente teoria dos estados de percepto na década de 1980.

Evidências sobre estados externos são os menos citados. Além de Cattell (1957), pode-se mencionar o livro de Katz (1935), publicado primeiro em alemão em 1930 e depois traduzido para o inglês; estudos do *Ganzfeld* ou *campo total* no qual a estimulação percebida por um observador é completamente homogênea (Koffka, 1935); repetição dos experimentos com luzes coloridas (Hochberg, Triebel & Seaman, 1951). Eduardo Legal (2002) que tinha sido meu doutorando, apresentou uma tese que utiliza relatos verbais de estados externos, de maneira semelhante àquela que apresentei com relação a estados internos.

Sobre estudos de estados subjetivos ou internos apresentaram-se nestas últimas décadas diversas pesquisas. É um dos estados preferenciais para percepção consciente. Pode-se exemplificar com o excelente estudo de Carroll Izard (1972). Além disso, há pesquisas realizadas por Wessman e Ricks (1966), Davitz (1969), Fleeson e Cantor (1995), Schimmack e Diener (1997), etc. De Rivera (1984),

no entanto, teriam contribuído outros na parte externa e prop outros na parte interna. Além referem a acontecimentos trid incluindo trechos que corres enviam estimulação. Apesar d essa parte sem estimulação. Rec

Psicólogos trabalham com etc., esquecendo que a mane perceptos é, muitas vezes, sensação. “A maneira com relacionam representa um pap *ao invés da exceção*”¹⁵, disse Lav Apesar de ser um forte defe que a informação inicial deve s de percepção *multimodal*, in majoritária de abordar a obs que sua posição sobre a percep o termo deve ser supramodal (1978a).

Há algumas características numa única modalidade. N perceptiva se apresentará no q apesar disso, creio que normal é supramodal.

Marks (1978b) relatou cinco esse problema: (a) a *doutrina* acordo com a qual os diferente as mesmas características de *doutrina dos atributos e qualidade*. qual haveria atributos das várias (c) a *doutrina das propriedades p* com a qual os muito diferen mesma propriedade psico *correspondências neurais*, de acor neurofisiológicos idênticos ou por processo neurais iguais; e *sentidos*, de acordo com a qual o

Os números iniciais das revistas *Philosophische Studien*, *Archiv der gesamte Psychologie* e *American Journal of Psychology*, estão preenchidos por artigos desta tendência psicológica. As “sensações” visuais, auditivas, táteis, térmicas, gustativas e olfativas referem-se a fragmentos externos. As “sensações” proprioceptivas e interoceptivas referem-se a fragmentos internos. Os sentimentos referem-se tanto a fragmentos internos quanto externos. Revisões mais recentes dão-se no livro de Beebe-Center (1932/1965), nos capítulos 10, 19, 20, 21 e 22 do tratado de Woodworth (1938) e na parte sobre o *feeling* do livro de Magda Arnold (Arnold, 1960).

Ânimos: Estados Bipartidos Internos ou de Outro Lado Estados Totais

Parti da posição que as emoções, sentimentos, afetos e, além disso, outros estados não-emocionais semelhantes eram na sua maioria perceptos bipartidos internos ou subjetivos (Engelmann, 1978). Koffka julga que as emoções conscientes são na maioria organizações do Ego. Essa era maneira com que eram observadas por muitos outros gestaltistas da escola de Berlim e mesmo um discípulo de Krueger. De outro lado, essas mesmas emoções seriam totalidades em termos da maioria dos psicólogos gestaltistas de Leipzig. Portanto, do meu ponto de vista seriam estados totais (Koffka, 1935; Krueger, 1937, 1953b; Sander, 1930/1973, 1937/1962).

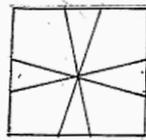
Quem teria a razão? Pensei longamente no assunto e cheguei à conclusão que ambos. Normalmente, as emoções-sentimentos são estados bipartidos internos, mas em certas situações seriam estados totais. E como denominar às vezes o estado bipartido interno e às vezes o estado total? Deveria ser um termo novo. *Ânimos*, ou *moods* em inglês, seriam estados que são emocionais, como *angry* (com raiva), *sad* (triste), e também não emocionais, como *serious* (sério), *tired* (cansado), de acordo com Nowlis (1965). Passei a denominá-los também de estados de *ânimos*. Entretanto, *ânimo* é um *estado disjuntivo*.

Conceito disjuntivo é aquele que é definido por dois ou

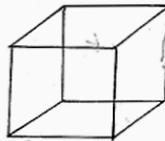
sempre a mesma estimulação. Há uma mesa longa com livros e cadeiras longe, uma estante está encostada na parede com livros, e uma mesa com cadeiras em cada lado. A mesa e as cadeiras são para o almoço ou de jantar. No momento a mesa está vazia. Além disso, o observador está sentado nas paredes da sala.

Como verificar a teoria dos estados bipartidos nesta situação? O observador está sentado na mesa. Para ele há uma ansiedade que se encontra dentro dele. Ele deverá fazer dentro de três horas um trabalho que é forte e invade não apenas sua mente mas que se encontra fora dele. Ele encontra fora dele é aquilo que forma o estado *dia claro e frio*. Ignoram-se acontecimentos que se encontram fora dele, mas que não são capazes de serem percebidos. Com o tempo, o grau de ansiedade dentro do observador pode mudar agora para um estado de *dia claro, mas frio*. Sente ansiedade dentro dele, mas não percebe o *dia claro e frio*. Agora muda-se para o estado de *dia claro e quente*. Percebe vários objetos que se encontram dentro dele. Há dois livros, um novo e um velho. Ele precisa olhar antes do exame. O livro novo apresenta uma característica. O outro apresenta uma superfície rugosa. O velho e sua superfície é rugosa. O novo não apenas como vistos, mas também dentro dele, percebe reações. O observador pode tornar-se ansioso. Vê a superfície da capa do livro novo. Parte mostrada. Capta o seu conteúdo. modal. Pode, também, mudar para o estado de *dia claro e quente*. Vê, não a capa em que está escrito em letras vermelhas e brancas. Como

(A) Figura Ambígua: figura e fundo



(B) Figura Ambígua: cubo projetado numa superfície bidimensional



(A) Tanto a cruz pode ser vista como figura como o X pode ser visto como figura. Entretanto, a cruz e o X não podem ser vistas como figuras ao mesmo tempo.

(B) O ponto da direita central é visto na frente ou o ponto da esquerda central é visto na frente. Entretanto, as duas visões são incompatíveis no mesmo instante.

Figura 3. Visões das figuras.

fundo ou as visões de um cubo projetado numa superfície bidimensional (veja as Figuras 3 A e B). Nesse caso, a consciência, num determinado momento, é de uma ou de outra, mas nunca a visão simultânea das duas (Koffka, 1935; Wertheimer, 1923/1938). Essa consciência única deve apresentar-se também no caso dos cinco escalões de percepto.

O que ocorre no caso de dois, ou mais, estados de percepto que apresentam o mesmo nome por causa de um conceito disjuntivo? Não mostram nenhuma diferença por causa desse nome. Inclusive, mantive no exemplo citado, a ansiedade como ocorrendo como estado total e como estado bipartido interno. São escalões diferentes e, portanto, não podem coexistir.

porções sensoriais. Portanto, haveria no caso uma parte *emocional* e uma parte sensorial. Em art. LeDoux (1995) indica uma série de dados sobre a anatomia do sistema límbico e quanto a existência de uma parte *emocional* tal como a descrita por LeDoux acredita que sob o nome de *emoção* há uma série de conceitos que talvez não devam ser considerados como uma organização neurológica única.

Entretanto, ao descrever os referidos estados da consciência na consciência-mediata — estados de origem sensorial sejam de origem *emocional* — a consciência é uno. Não há uma diferença significativa entre a consciência que é uno. Essa dupla repartição fisiológica — talvez a consciência que dois — daria origem a um único estado na neurofisiologia de Cytowic. A clássica distinção entre *sensações* ou *cognições*, de um lado, e *afetos* ou *emoções*, de outro, como partes da consciência, não cabe aqui, pela falta de dados empíricos que possam comprová-lo. Por exemplo, os conteúdos da consciência indicados pelos relatos verbais *vejo um dente* ou *no dente molar superior* ou *acho o dia extremamente quente* ou *raiva do meu chefe de seção* cabem todos sob o mesmo percepto. A repartição é entre determinados conteúdos acontecimentos da consciência-mediata e conteúdos da própria consciência-mediata (Engelmann, 1997b).

Dúvidas para Prosseguir

É a teoria que apresentamos sobre estados de consciência um esquema fechado? De um lado, sim, de outro, não. Considerarmos uma parte da consciência-mediata e a outra então há muito assunto a ser discutido. Se as partes entendidas como tão próximas de percepto são igualmente submetidas aos mesmos escalões de consciência, haveria uma divisão também de percepções e de percepções?

Diversos autores acreditam, pelo menos em parte, que o humano, que existe uma consciência-chamada consciência-mediata — que é a consciência

quebra essa divisão. É por isso que tenho minhas dúvidas se mantenho a meditação como percepto ou deixo-a para o caso geral da consciência.

Há muitos estudos sobre as imagens, inclusive sobre o relacionamento entre essas imagens e as partes neurológicas. Durante muito tempo, houve uma discussão sobre se o característico era a imagem como forma de percepto ou pelo contrário sobre sua natureza espacial abstrata. Ao que parece, hoje em dia, ambos os pontos de vista são corretos. Nesse caso, a teoria dos escalões de percepto poderia ser algo válida apenas no primeiro caso, na forma como percepto (Farah, 1995; Tye, 1991).

Os pensamentos devem ser *ativos*. Entretanto, também podem ser *passivos* e nesse caso subordinados a um esquema semelhante ao desse texto¹⁶. E as volições? São apenas ativas. A classificação hierárquica dos perceptos parece ser apenas um dos campos que pode ser estudado.

Conclusão

Esse artigo, além de mostrar a teoria dos cinco escalões de percepto, apresenta uma forma histórica de meus pensamentos. Em 1962 elaborei o estudo de emoções. Como já era na época gestaltista, posição em que agora continuo após passados quarenta anos, meu interesse era estudar a consciência emocional. A consciência emocional apresentava como característica ser percebida como interna ao indivíduo, mas não apresentar além disso nenhuma localização. Entretanto, havia outros estados que realmente não poderiam ser chamados de emocionais, como sentir cansaço ou sentir calor, e que apresentavam quanto ao resto as mesmas características do que as emocionais. Achei melhor criar o conceito de estado subjetivo.

Havia, ao mesmo tempo, alguns estudos que retratavam perceptos internos, porém localizados. Esses estudos retratavam freqüentemente também emoções. A consciência, portanto, podia ser vista como possuindo

e achei que deveria propor os seguintes estados: 1) estado total; 2) estado bipolar; 3) estado objetivo-subjetivo; 4) estado modal e 5) estado fragmentado. Não se trata de estar num desses estados ou de ter uma atitude semelhante às atitudes perceptivas, mas de estar ao mesmo tempo em mais de um estado. Esses estados são preferenciais: o estado total é o estado interno, e o estado bipolar é o estado externo.

Essa é a conclusão atual. Se quiserem estudar Além de perceptos na consciência, estudem os pensamentos, volições e outros estados. É importante estudar a sua relação com a consciência.

Referências

- Alves, J. M. & Engelmann, A. (2000). Os estados subjetivos e as lavras de estados subjetivos que se usam para descrevê-los ou falar. *Humanitas*, 16(1/2), 75-84.
- Aristotele (Aristóteles) (1947) *De l'âme* (J. Vrin, trad.). Paris: J. Vrin.
- Arnold, M. (1960). *Emotion and personality*. New York: Harper & Row Press.
- Ash, M. G. (1995). *Gestalt psychology in contemporary thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Austin, J. H. (1998). *Zen and the brain: Toward a cognitive neuroscience of consciousness*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Azevedo, F. F. dos S. (1950). *Dicionário de psicologia* (2ª ed.). São Paulo: Editora Nacional.
- Beebe-Center, J. G. (1965). *The psychology of emotion*. New York: Russell & Russell. (Original publicado em 1921)
- Bertalanffy, L. von (1968). *General systems theory*. New York: Braziller.
- Bertalanffy, L. von (1975). The history of general systems theory. Em L. von Bertalanffy (Org.), *General systems theory* (pp. 149-169). (Original publicado em 1956)
- Biasoli-Alves, Z. M. M. & Da Silva, J. A. (1998). *Os estados subjetivos: Uma nova visão*. Ribeirão Preto, SP: Univeridade de Ribeirão Preto.
- Boring, E. G. (1963). The stimulus-error in the study of psychology, and science (pp. 255-273). (Original publicado em 1921)

- Crook, J. H. (1980). *The evolution of human consciousness*. Oxford, UK: Clarendon.
- Cytowic, R. E. (1996). *The neurological side of neuropsychology*. Cambridge, MA: MIT.
- Danziger, K. (1980). The history of introspection reconsidered. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 16, 241-262.
- Davitz, J. R. (1969). *The language of emotion*. New York: Academic Press.
- Descartes, R. (1989). Les passions de l'âme. Em F. Alquié (Org.), *Oeuvres philosophiques. Tome III* (pp. 941-1103). Paris: Bordas. (Original publicado em 1649)
- Dodwell, P. C. (1975). Pattern and object perception. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. V. Seeing* (pp. 267-299). New York: Academic Press.
- Doron, R. & Parot, F. (Orgs.) (1991). *Dictionnaire de psychologie*. Paris: P.U.F.
- Edelman, G. M. (1992). *Bright air, brilliant fire*. New York: Basic Books.
- Engelmann, A. (1978). *Os estados subjetivos: Uma tentativa de classificação de seus relatos verbais*. São Paulo: Ática.
- Engelmann, A. (1982). A psicologia, um ramo da biologia — e as ciências sociais também. *Ciências e Cultura*, 34, 1154-1163.
- Engelmann, A. (1985). Comportamento verbal e relato verbal. *Psicologia*, 11(1), 1-6.
- Engelmann, A. (1986a). LEP — Uma lista, de origem brasileira, para medir a presença de estados de ânimo no momento em que está sendo respondida. *Ciência e Cultura*, 38, 121-146.
- Engelmann, A. (1986b). Contribuições recentes à investigação de estados subjetivos. *Ciência e Cultura*, 38, 1021-1026.
- Engelmann, A. (1987). Percepção de estados de ânimo em sujeitos brasileiros. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 19(3), 319-336.
- Engelmann, A. (1997a). Dois tipos de consciência: A busca da autenticidade. *Psicologia USP*, 8(2), 25-67.
- Engelmann, A. (1997b). Principais modos de pesquisar a consciência-mediata-de-outros. *Psicologia USP*, 8 (2), 251-274.
- Engelmann, A. (1998). Ciência natural e consciência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 273-280.
- Engelmann, A. (2001). O meu-mundo e o resto-do-mundo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 211-223.
- Engelmann, A. (2002). A psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 1-16.
- Farah, M. J. (1995). The neural bases of mental imagery. Em M. S. Gazzaniga (Org.), *The cognitive neurosciences* (pp. 963-975). Cambridge, MA: MIT.
- Farthing, G. W. (1992). *The psychology of consciousness*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, A. B. de H. (1999). *Novo dicionário da língua portuguesa* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fleeson, W. & Cantor, N. (1995). Goal relevance and the affective experience of daily life. *Motivation and Emotion*, 19, 25-57.
- Gibson, J. J. (1979). *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- Jantsch, E. (1980). *The self-organizing universe*. Oxford: Basil Blackwell.
- Jones, M. R. (1978). Auditory patterns: Studies in the perception of speech. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. VIII. Perceptual coding* (pp. 255-288). New York: Academic Press.
- Katz, D. (1935). *The world of colour* (R. B. MacLeod, Trans.). London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. (Original publicado em 1911; 2ª ed. 1930)
- Kenshalo Sr., D. R. (1978). Biophysics and psychophysics. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. VII. Feeling and hurting* (pp. 30-74). New York: Academic Press.
- Koffka, K. (1924). Introspection and the method of the Gestalt. *Journal of Psychology*, 15, 149-161.
- Koffka, K. (1935). *Principles of Gestalt psychology*. London: Methuen & Co. (Original publicado em 1935)
- Köhler, K. (1938a). *The place of value in a world of facts*. London: Routledge & Kegan Paul. (Original publicado em 1926)
- Köhler, K. (1938b). *Physical Gestalten: A source book of Gestalt psychology*. W. D. Ellis (Org.), *Physical Gestalten* (pp. 17-54). London: Routledge & Kegan Paul. (Original publicado em 1926)
- Krueger, F. (1953a). Über psychische Ganzheit. Em F. Krueger - *Zur Philosophie und Psychologie der Ganzheit*. Springer-Verlag. (Original publicado em 1926)
- Krueger, F. (1953b). Das Wesen der Gefühle. Em F. Krueger - *Zur Philosophie und Psychologie der Ganzheit*. Springer-Verlag. (Original publicado em 1937)
- Lange, C. G. (1967). The emotions. (I. A. Haupt, Trans.). Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *The emotions* (pp. 33-90). New York: Hafner. (Original publicado em 1885)
- LeDoux, J. E. (1995). In search of an emotional system underlying fear to emotion and consciousness. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *The cognitive neurosciences* (pp. 1049-1061). New York: Academic Press.
- Legal, E. J. (2002). *Levantamento dos relatos verbais dos estados subjetivos*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Física de São Paulo. São Paulo, SP.
- Lewis, M. & Haviland, J. M. (Orgs.) (1993). *Handbook of emotion*. Guilford.
- MacLean, P. D. (1975). Sensory and perceptual functions of the triune brain. Em L. Levi (Org.), *Emotion and measurement* (pp. 71-92). New York: Raven Press.
- Marks, L. E. (1978a). Multimodal perception. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. V. Seeing* (pp. 321-339). New York: Academic Press.
- Marks, L. E. (1978b). *The unity of the senses*. New York: Basic Books.
- Mason, R. E. (1961). *Internal perception and bodily functions*. London: International Universities Press.
- Melzack, R. & Wall, P. (1988). *The challenge of pain*. Oxford: Basil Blackwell.
- Miller, J. G. (1978). *Living systems*. New York: McGraw-Hill.
- Miller, J. G. & Miller, J. L. (1982). The earth as a system. *Journal of Geophysical Research*, 87, 302-322.
- Natanson, T. (1988). Is any state of consciousness

- Rivera, J. de (Org) (1984). The analysis of emotional experience. *American Behavioral Scientist*, 27, 675-832.
- Rock, I. (1975). *An introduction to perception*. New York: Macmillan.
- Ross, W. D. (1949). *Aristotle*. London: Methuen. (Original publicado em 1923)
- Sander, F. (1962). Zur neueren Gefühlslehre. Em F. Sander & H. Volkelt (Orgs.), *Ganzheitspsychologie* (pp. 125-146). Munique: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung. (Original publicado em 1937)
- Sander, F. (1973). Structure, totality of experience, and Gestalt. Em C. Murchison (Org.), *Psychologies of 1930* (pp. 188-204) (S. Langer, Trad.). Worcester, MA: Clark University. (Original publicado em 1930)
- Scherer, K. R., Wallbott, H. G. & Sommerfield, A. B. (Orgs.) (1986). *Experiencing emotion*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Schimmack, U. & Diener, E. (1997). Affect intensity: Separating intensity and frequency in repeatedly measured affect. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 1313-1329.
- Shear, J. & Jevning, R. (1999). Pure consciousness: Scientific exploration of meditation techniques. Em F. Varela & J. Shear (Orgs.), *The view from within: First-person approaches to the study of consciousness* (pp. 189-209). San Diego, CA: Imprint Academic.
- Shields, S. A. (1984). Reports of bodily change in anxiety, sadness, and anger. *Motivation and Emotion*, 8, 1-21.
- Simões, E. A. Q. & Tiedemann, K. B. (1985). *Psicologia da percepção*. São Paulo: E.P.U.
- Sommerhoff, G. (1990). *Life, brain and consciousness*. Amsterdam: Elsevier.
- Souza, M. R. C., Camacho, C. & Tavares, S. (1985). Alterações nos estados subjetivos de pessoas idosas em decorrência da audição musical. *Psicologia*, 11, 53-62.
- Spitzer, C. (1956). *Dicionário analógico da língua portuguesa* (5ª ed.). Porto Alegre: Globo.
- Sternbach, R. A. (1978). Psychological dimensions and perceptual analyses, including pathologies of pain. Em E. C. Carterette & M. P. Friedman (Orgs.), *Handbook of perception: Vol. VII. Feeling and hurting* (pp. 231-261). New York: Academic Press.
- Titchener, E. B. (1912). The schema of the mind. *Psychology*, 23, 485-508.
- Titchener, E. B. (1913). *A primer of psychology*. New York: Holt.
- Titchener, E. B. (1973). *Lectures on the elements of psychology: Processes*. New York: Arno Press. (Original publicado em 1908)
- Tweney, R. D. & Yachanin, S. A. (1986). *The psychology of perception*. New York: C. J. Hogrefe.
- Tye, M. (1991). *The imagery debate*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Volkelt, H. (1962). Grundbegriffe der Gestalttheorie. Em F. Sander & H. Volkelt (Orgs.), *Ganzheitspsychologie* (pp. 1-12). Munique: Beck'sche Verlagsbuchhandlung. (Original publicado em 1937)
- Walk, R. D. & Pick, H. L., Jr. (Orgs.) (1996). *Perception: An introduction to experimental psychology*. New York: Plenum.
- Werner, H. (1934). L'unité des sens. *Journal de psychologie*, 31, 1-10.
- Werner, H. (1961). *Comparative psychology*. New York: Science Editions. (Original publicado em 1949)
- Wertheimer, M. (1938). Laws of organization of perceptual forms. Em W. D. Ellis (Org.), *Handbook of experimental psychology* (pp. 71-88). London: Routledge & Kegan Paul. (Original publicado em 1923)
- Wessman, A. E. & Ricks, D. F. (1966). *Psychology of perception*. New York: Rinehart and Winston.
- Whitehead, A. N. (1985). *Science and the metaphysics of perception*. New York: Books. (Original publicado em 1929)
- Woodworth, R. S. (1938). *Experimental psychology*. New York: Holt.
- Wundt, W. (1905). *Grundriss der Psychologie*. Leipzig: Engelmann.

Sobre o autor

Arno Engelmann é Professor Titular em Psicologia no IP/USP, Pesquisador do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP.